

TEORIA CRÍTICA E PENSAMENTO MARXISTA NA PESQUISA EM EDUCAÇÃO

Jeannette Filomeno Pouchain Ramos¹

Resumo

No contexto histórico, o embate teórico acerca do referencial marxista se apresenta em diferentes correntes do pensamento social mundial, o que incita o estudo das diferenças, semelhanças e perspectivas entre os fundamentos desse pensamento e a teoria crítica na pesquisa em educação. Indagamos se o prognóstico idealizado por Marx ainda constitui referência histórica em processo ou nunca se efetivará no atual contexto e se o diagnóstico da teoria crítica parte desse prognóstico ou apresenta elementos que o refutam? Nesse sentido, durante o doutoramento em Educação Brasileira na Universidade Federal do Ceará, desenvolveu-se a revisão bibliográfica pontuando os fundamentos, os princípios, os diagnósticos e prognósticos de cada referencial. A tese marxista afirma que o capitalismo se autodestruiria e a revolução do proletariado não aconteceria, mas, assim como Löwy e Bensaid (2006) assinalam que o progresso do capitalismo tem sido marcado por contratempos em vários planos, Marx e Engels (2006) registraram que os operários triunfam de tempos em tempos. Percebemos que, como afirma Nobre (2004), há modelos de Teoria Crítica, como o modelo da Dialética do Esclarecimento de Adorno e Horkheimer (1985) que diagnóstica a vitória das tropas aliadas, no pós-guerra alemão, não significando, contudo, a restauração das possibilidades revolucionárias, mas, ao contrário, o bloqueio estrutural da prática transformadora. A obra representa a ruptura dos dois autores com os trabalhos anteriores e, no processo histórico, autores que se reconhecem como teóricos críticos passam a não mais ter como fundamental a literatura marxista, mas os próprios escritos passam a ser a referência. No entanto, nossa opção por esse marco teórico se justifica nos princípios que fundam esta corrente: emancipação e criticidade, nas categorias revistas e aprofundadas, na escola de Frankfurt e em intelectuais do mundo todo que têm feito a releitura não dogmática de Marx, com o intuito de reformular e repensar os problemas atuais contra o capitalismo. Na dimensão da pesquisa em educação, percebe-se que, de um lado, há um programa, um método de pesquisa fundamentado no materialismo histórico e dialético empiricamente aberto, portanto, expresso como dimensão transitiva e, de outro lado, a dedicação à ontologia objetiva das estruturas ativas que transcendem os fatos, reconhecida como dimensão intransitiva, que, conseqüentemente, não pode ser modificada.

Palavras-chave: Teoria crítica, pensamento marxista e método de pesquisa.

Abstract

In historical context, the theoretical clash about the Marxist framework is presented in different currents of the world social thought, which encourages the study of the differences, similarities and perspectives between the foundations of this thought and

¹ Professora do Centro de Educação/ UECE; Professora e Pesquisadora do Educas Núcleo de Política, Planejamento e Gestão Educacional – COOPED.

the critical theory in educational research. We inquired if the prognosis idealized by Marx still constitutes any historical reference in process or if it will never become effective in the current context and if the diagnosis of the critical theory starts in this prognostic features or if it presents elements that contradict it. This way, during the Brazilian PhD in Education at the Federal University of Ceará, this work has developed a literature review pointing out the foundations, principles, diagnosis and prognosis of each benchmark. The Marxist thesis asserts that capitalism would destroy itself and the revolution of the proletariat would not happen, but, in the same way that Löwy and Bensaid (2006) point out that the progress of capitalism has been marked by setbacks in several areas, Marx and Engels (2006) also reported that workers triumph from time to time. We realized that, as stated by Noble (2004), Critical Theory's models, like the model of the Dialectic of Enlightenment Adorno and Horkheimer (1985) which Diagnostic victory of the allied troops in postwar Germany, doesn't mean, however, the restoration of revolutionary possibilities, but rather, the structural blockage of transformative practice. The work represents the rupture of the two authors with previous work, and in the historical process, authors who are recognized as critical theorists no longer have the Marxist literature as their basis, but the authors themselves became the reference. However, our choice for this theoretical mark is justified on the principles that founded this current: emancipation and criticality, and in reviewed and detailed categories in the Frankfurt School and intellectuals from around the world who have done a not dogmatic reading from Marx work, with the aim to reshape and rethink the current problems against capitalism. Within the scenery of educational research, it is clear that, on the one hand, there is a program, a research method based on the historical and dialectical materialism empirically opened, therefore, expressed as transitive dimension and, on the other hand, the dedication to objective ontology active structures that transcend the facts, recognized as intransitive dimension, which can not be modified.

Keywords: Critical theory, Marxist thought and research method.

Introdução

No contexto histórico, o embate teórico acerca do referencial marxista se apresenta em diferentes correntes do pensamento social mundial, o que incita o estudo das diferenças, semelhanças e perspectivas entre os fundamentos do pensamento marxista e a teoria crítica na pesquisa em educação.

O prognóstico idealizado por Marx ainda constitui referência histórica, em processo, ou nunca se efetivará no atual contexto? E o diagnóstico da teoria crítica parte desse prognóstico ou apresenta elementos que o refutam?

A tese marxista afirma que o capitalismo se autodestruiria e a revolução do proletariado não aconteceria, mas, assim como Löwy e Bensaid (2006) assinalam que o progresso do capitalismo tem sido marcado por contratempos em vários planos, Marx e Engels (2006) registraram que os operários triunfam de tempos em tempos.

Neste sentido, durante o doutoramento em Educação Brasileira na Universidade Federal do Ceará, foi desenvolvida a revisão bibliográfica pontuando os fundamentos, os princípios, os diagnósticos e os prognósticos de cada referencial. A estrutura deste texto inicia refletindo a criação e os fundamentos da teoria crítica, a relação entre esta e a teoria tradicional, para, em seguida, retomar o referencial marxista e delinear suas contribuições na construção de um referencial metodológico que fundamentou, posteriormente, a análise do projeto educativo nacional e político-pedagógico da escola de ensino médio, tendo como foco a gestão do trabalho escolar / trabalho educativo e o trabalho na formação do jovem (ver RAMOS, 2009).

Os fundamentos da teoria crítica

A teoria crítica se apresenta como referencial teórico por se pautar pelo marxismo e por estabelecer o modelo crítico que tem como ponto de partida o diagnóstico, não se restringindo a essa etapa, e sim apontando também prognósticos, levando em conta situações concretas e determinadas historicamente.

A teoria surge em Frankfurt, na Alemanha, na primeira metade do século XX, ao reunir um grupo de pesquisadores interdisciplinares, na fundação do Instituto de Pesquisa Social, posteriormente, reconhecido como Escola de Frankfurt. O Instituto se destaca com o objetivo da investigação científica, da documentação e teorização a partir das obras de Marx e tem como objeto de estudo, a história do socialismo, as lutas do movimento operário e as mudanças estruturais, na organização do sistema capitalista, ou seja, na relação capital-trabalho. Esses objetivos são ressaltados por Freitag (2004) em três eixos temáticos que, desde o início dos trabalhos do Instituto, estiveram presentes e, que até hoje, não parecem ter sido esgotados: - a dialética da razão iluminista e a crítica da ciência; - a dupla face da cultura e a discussão da indústria cultural; - a questão do Estado e suas formas de legitimação.

A trajetória do Instituto de Pesquisa Social revela a conjuntura sociopolítica da época. Fundado em 1923, na Alemanha, abre escritórios em Genebra e Paris, em decorrência do regime nazista, do período de emigração para os Estados Unidos (1933-1950) e a sua reconstrução em Frankfurt, após a Segunda Guerra Mundial (1950-1970), onde permanece até hoje.

O termo Teoria Crítica advém do postulado de que não se pode compreender a realidade sem refletir como ela deve ser e de apontar e analisar os obstáculos a serem

superados na sua permanente reconstrução. Portanto, sua tarefa está em realizar o diagnóstico do tempo presente pelo referencial marxista e de produzir prognósticos do rumo do desenvolvimento histórico. Dois princípios são fundamentais na teoria: a emancipação como orientação e a criticidade, esta última pelo comportamento e atitude crítica, com relação ao conhecimento produzido na conjuntura histórica, e à própria realidade em que está inserida. Segundo Nobre, “Sem a perspectiva da emancipação, permanece-se no âmbito das ilusões reais criadas pela lógica interna da organização social capitalista”(2004, p.32).

O ensaio de Horkheimer, em 1937, *Teoria tradicional e teoria crítica* lança os fundamentos da teoria crítica da Escola de Frankfurt. O diagnóstico do autor (1983, p.149) reafirma que “a consciência da teoria crítica se baseia no fato de que, apesar das mudanças da sociedade, permanece a sua estrutura econômica fundamental – a relação de classe na sua figura mais simples - e com isso a ideia da supressão dessa sociedade permanece idêntica”. Entretanto essa concepção não impele a necessidade de revisão histórica dos conceitos, ou seja, na crença idealista de que a própria teoria representaria algo que transcende aos homens e a história. Assim, não seria teoria, pois o pensamento abandonaria a própria essência. Segundo o autor, “se o pensamento não se limita a registrar e classificar as categorias da forma mais neutra possível, isto é, não se restringe às categorias indispensáveis à práxis da vida nas formas dadas, surge imediatamente uma resistência”. (HORKHEIMER, 1983, p.147).

Adorno (2003), ao discutir o papel da educação após Auschwitz, revela o conflito como contradição. Os conflitos podem ocorrer em diferentes *instâncias de resistência* e ajudam a criar um clima desfavorável ao extremismo, à hegemonia vigente, entre outros. Entre as *resistências concretas*, o autor cita o exemplo da resistência no próprio grupo nazista que acabou não cometendo na dimensão pretendida, os assassinatos por eutanásia, na história.

A relação entre a teoria tradicional e a crítica não é de negação total, pois o comportamento crítico abriga em si elementos da teoria tradicional. Uma das divergências está na relação entre a teoria e o indivíduo, para a primeira às relações sociais e desta com a natureza é considerada como deduções simples, em decorrência da sua própria especialização. Para a teoria crítica, “todo o passo teórico faz parte do conhecimento do homem e da natureza que se encontra a sua disposição nas ciências e na experiência histórica” (HORKHEIMER: 1983, p.143).

Outro exemplo que distingue as teorias é a relação entre teoria e prática. Na teoria tradicional, tem-se o dualismo entre pensar e ser, entendimento e percepção, enquanto que a Teoria Crítica pressupõe a unidade.

O referencial marxista se apresenta na teoria, como unidade doutrinária dos pesquisadores, permanentemente renovada e exercitada, mas ter a obra de Marx como referência, como horizonte comum, não significa partilhar dos mesmos diagnósticos e das mesmas opiniões (NOBRE, 2004).

Para Löwy (2000, p.242), há um movimento de renovação do marxismo e um elemento bastante positivo é a redescoberta da Escola de Frankfurt. O autor refere que “Há uma valorização, por parte de uma nova geração de intelectuais da Europa, Estados Unidos e América Latina, da crítica que ela faz do paradigma ocidental da modernidade”. Em outro momento, o mesmo autor reconhece que é uma volta a Marx, uma “redescoberta de Marx, de sua releitura. [...] de maneira não dogmática, celebrar seu conhecimento, mas para reler criticamente Marx, [...] que insiste sobre uma visão da história como processo aberto, com bifurcações e encruzilhadas” (2000, p.253). No âmbito educacional, Maclaren (1997) reconhece que a teoria educacional crítica tem uma dívida profunda com seus progenitores europeus.

O pensamento marxista em educação: fundamentos e método de pesquisa

O diagnóstico de Marx das relações sociais, no capitalismo, registra que, pela primeira vez, na história da humanidade, o trabalho humano se tornou uma mercadoria. Isso se deu porque, progressivamente, o homem é despojado da terra e dos instrumentos de trabalho, tendo que vender o único bem reconhecido pelo mercado: a força de trabalho. O trabalho, de atividade fundante do ser social, passa a ser objeto de troca para a sobrevivência física humana, perdendo o significado na transformação da natureza e dos homens.

Além da divisão do trabalho, Marx também assinala que a sociedade capitalista divide-se estruturalmente em classes: o proletário e o capitalista. Este último detém os meios de produção que funcionam com força de trabalho vendida pelos proletários em troca de salários. A divisão produz dois pólos: um acumula riqueza; outro, crescente pobreza.

A divisão social e do trabalho não existiu sempre e nem existirá para sempre. Em outro momento histórico, “a sociedade se governava a si própria, nos limites dos

seus conhecimentos e das suas possibilidades” (MANDEL: 1982, p.21), mas esta indivisão foi sobreposta pela lógica do liberalismo ao justificar a separação da sociedade civil com o Estado – a sociedade política, mediante determinado processo histórico. Deste modo, o *Estado de direito*, na função de recuperar a comunidade fragmentada em realidade jurídica, territorial, cultural e econômica, em unidade fora e acima dos interesses particulares, se torna legítimo. O papel da sociedade civil é, então, “campo de lutas e de desigualdades – é o lugar da manifestação dos conflitos econômicos e dos conflitos de opinião entre particulares, numa forma belicosa de coexistência ditada pelos interesses do Estado” (CHAUÍ: 2000, p.277).

Sendo assim, o Estado e o mercado são criações humanas em determinado processo histórico, com a possibilidade de reverter às desigualdades sociais pela promoção da igualdade e da liberdade para todos. Para Bensaid (2000, p.32), o Estado, como construto social, “[...] é ainda a forma necessária de dominação de classe, mas não mais sua forma apropriada face às pesadas tendências de mundialização”.

A educação, no diagnóstico de Marx e Engels, tem sido determinada de acordo com a sociedade, pelas condições sociais e históricas em que se educam os filhos, pela intromissão direta e/ou indireta da sociedade e por meio da escola. Para os autores, a educação comunista deve ser transformada em seu caráter, arrancando a influência da classe dominante. Em suas palavras, “a educação pública e gratuita para todas as crianças. Abolição do trabalho infantil nas fábricas, tal como é praticado hoje. Combinação da educação com a produção material, etc” (MARX e ENGELS: 2006, p.60).

Para Adorno (2003, p.116),

[...] enquanto a sociedade gerar a barbárie a partir de si mesma, a escola tem apenas condições mínimas de resistir a isso. [...] A desbarbarização da humanidade é o pressuposto imediato da sobrevivência. Este deve ser o objetivo da escola, por mais restritos que sejam seu alcance e suas possibilidades.

Exemplo de barbarização humana é registrada pelo autor (2003, p.116), na relação entre a gestão escolar e o trabalho docente pela opressão da liberdade intelectual que “sistematicamente impedem o trabalho científico dos professores, permanentemente mantendo-os *down to earth* [com os pés prostrados no chão], desconfiados em relação aqueles que, como afirmam, pretendem ir além ou a outra parte”.

Neste sentido, é necessário e indispensável refletir nos meios de revolução do modo de produção, conseqüentemente, do modo de organização da escola e da vida que tem ocasionado a barbárie.

Pela leitura, Marx apresenta prognósticos como a autodestruição do sistema capitalista e a revolução do proletariado pela abolição do modo de produção e apropriação capitalista, com a construção de outra organização social. Marx e Engels (2006, p.46) dizem que a queda da burguesia e a vitória do proletariado são inevitáveis. “É, pois, evidente que a burguesia é incapaz de continuar desempenhando por muito mais tempo o papel de classe dominante e de impor á sociedade, como lei suprema, as condições e existência da sua classe”.

Com a abolição do, ainda atual, modo de produção baseado no trabalho assalariado que subjuga o trabalho alheio, na formação, crescimento e acumulação de capital, em mãos de particulares, na propriedade privada, nas relações sociais desiguais entre classe, gênero e etnias, serão “modificadas as condições de vida dos homens, as suas relações sociais e a sua existência social, mudarão também as suas representações, as suas concepções, os seus conceitos – numa palavra, a sua consciência?” (MARX e ENGELS: 2006, p.57).

Entre os eixos epistemológicos da pesquisa educacional, o materialismo histórico e dialético e o método dialético de base materialista-histórica, traduzem a postura ontológica, epistemológica e práxis. Exemplo de postura é a importância da estrutura econômica das relações de produção para compreensão das relações sociais, ao estabelecer que dialética, historicidade e totalidade são categorias centrais de qualquer análise devido aos diversos aspectos sociais que são dinâmicos, contraditórios e relacionados entre si, e ao ter a prática social como critério de verdade.

O materialismo histórico e dialético, método proposto por Marx, rompeu com as correntes anteriores, ao ultrapassar a compreensão do fenômeno e propor, sobretudo, a transformação do modo de produção e, conseqüentemente, da organização social e política. Além disso, para compreender a matéria, o método constitui estudo minucioso das condições de vida dos homens e de suas formações.

Para Marx, a tarefa da teoria é

[...] (i) proporcionar uma explicação adequada e empiricamente controlada das estruturas que produzem os fenômenos que se manifestam na vida sócio-econômica, muitas vezes em oposição ao modo espontâneo como aparecem; (ii) que essas estruturas são ontologicamente irreduzíveis e normalmente defasadas em relação aos fenômenos que geram, reconhecendo dessa maneira

a estratificação e diferenciação da realidade; (iii) que sua representação correta no pensamento é dependente da transformação crítica das teorias e concepções preexistentes, inclusive (em parte) das que são praticamente constitutivas dos fenômenos em estudo; (iv) que o processo de conhecimento científico é uma atividade prática, laboriosa (na dimensão intransitiva), que permanecem 'fora da cabeça, tal como antes' (*apud* BOTTOMORE, 2001, p.58).

O autor propõe o método científico que dê conta desses aspectos e aponta para a pesquisa científica, o esforço de transformação do mundo para adequá-lo aos interesses da coletividade dos seres humanos. Pesquisa científica é aqui compreendida “[...] fundamentalmente como um ato de trabalho sobre a realidade objetiva. [...] consiste em conhecer o mundo no qual o homem atua. [...] sendo um ato de trabalho, a pesquisa científica é sempre produtiva [...].[...] faz-se sempre dirigido por uma finalidade [...]” (PINTO *apud* SANFELICE, 2005, p.87).

Sendo a pesquisa dialética em educação considerada como um ato de trabalho produtivo e o objeto *em si* cognoscível, Sanfelice (2005, p.89) afirma que objeto se constitui sempre em movimento, ou seja, “a forma de ser dos seres e fenômenos é estar sempre em mudança, portanto, de já ter sido o que foram, de estarem sendo o que são e de estarem produzindo o que serão”.

Além do desafio de compreender o objeto em movimento, o campo de pesquisa em educação é complexo, portanto, impossível de ser apreendido por investigador. O limite revela que toda pesquisa, na área, é parte do todo, conhecimento relativo e não absoluto, o que não suprime a possibilidade de conhecer, de fato, ou a viabilidade de um conhecimento verdadeiro.

Enquanto instituição que promove a educação formal, a escola está inserida no meio que determina a sua função social. Entretanto essa determinação é relativa, pois o indivíduo, na relação com outros homens e, ou com o meio pode intervir reconhecendo e modificando a estrutura do modo de produção em curso, na construção de outra forma de organização social e escolar.

Segundo Marx (*apud* LOMBARDI, 2005, XI), “A investigação tem de apoderar-se da matéria, em seus pormenores, de analisar suas diferentes formas de desenvolvimento, e de perquirir a conexão íntima que há entre elas; depois desse trabalho, é que se pode descrever [...] o movimento real”. Em outras palavras, o método de pesquisa busca compreender a matéria na sua relação com as formas de desenvolvimento, seguido do método de exposição que busca descrever movimento real.

Entre os procedimentos do método marxista de pesquisa, Triviños (1987) sugere que, para conhecimento do objeto, pretende-se: a) *contemplação viva do fenômeno*, pela observação e análise de documentos captando a qualidade geral do objeto estudado possibilitando a identificação das principais características do objeto e o levantamento de hipóteses que guiarão o estudo; b) *a análise do fenômeno*, observando os elementos ou partes que o integram e estabelecendo as relações sócio-históricas do fenômeno e a realidade concreta através da coleta de dados quantitativos e qualitativos, com a aplicação de questionários, entrevistas, observações etc. e, por fim, c) *a realidade concreta do fenômeno*, ao estabelecer os aspectos essenciais, fundamento, realidade e possibilidades, conteúdo e sua forma, o que nele é singular e geral, o necessário e o contingente, mediante descrição, classificação, análise, síntese e verificação das hipóteses, etc.

Em síntese, todo objeto a ser analisado, no âmbito educacional, se encontra como fenômeno social a ser compreendido, portanto mais perto da organização e estrutura da sociedade. O problema nasce em determinado contexto, em relação com as transformações materiais e sociais, designadamente o trabalho, os instrumentos de trabalho, as relações sociais e a vida mediatizada por interesses materiais diretos da classe. A postura teórica adotada não fragmenta a teoria da prática, mas as compreende como parte de um todo, a prática como um momento da teoria e critério de verdade, e procura ver o fenômeno na perspectiva totalitária, para apresentar o diagnóstico e prognóstico da relação complementar e contraditória entre os demais fenômenos e estrutura social.

Paradoxos no pensamento marxista: ruptura e continuidade

O duelo entre os marxistas e os teóricos críticos, pelos fundamentos, princípios, diagnósticos e prognósticos, explicita que Adorno e Horkheimer, em determinado momento histórico, refutam a tese marxista por não haver se confirmado na história da humanidade. O capitalismo não se autodestruuiu e a revolução do proletariado não aconteceu. Em a *Dialética do Esclarecimento* (1947), o diagnóstico de Adorno e Horkheimer aponta que a vitória das tropas aliadas, no pós-guerra alemão, não significou “*a restauração das possibilidades revolucionárias*” (2004, p.49), ao contrário, o bloqueio estrutural da prática transformadora.

A obra representa a ruptura dos dois autores com trabalhos anteriores, dando início a reflexões teóricas mais radicais (FREITAG: 2004, p.20). Essa ruptura expressa a onipotência do sistema capitalista, reificado no mito da modernidade, incorporados hoje na totalidade do sistema, sem condições de autodeterminação, sem participação na elaboração do futuro da humanidade, sem possibilidade de resistência crítica. Com o diagnóstico do seu tempo, Adorno e Horkheimer abandonam definitivamente os paradigmas do materialismo histórico buscando um novo caminho.

A autodestruição do capital não aconteceu ainda, mas assim como Löwy e Bensaïd (2006) assinalam que o progresso do capitalismo tem sido marcado por contratempos em vários planos. Marx e Engels (2006) registram que os operários triunfam de tempos em tempos, devido à contradição, categoria marxista, os burgueses fornecem, aos proletários, os próprios elementos de formação política, ou seja, as armas contra si mesmos.

Percebemos que, como afirma Nobre (2004), há modelos de Teoria Crítica, por exemplo, o da Dialética do Esclarecimento. No processo histórico, muitos autores que se reconhecem como teóricos críticos, até mesmo Horkheimer e Adorno, passam a não mais ter como fundamental a literatura marxista, mas os próprios escritos passam a ser referência.

No entanto, nossa opção por esse marco teórico se justifica nos princípios que fundam esta corrente: emancipação e criticidade, nas categorias revistas e aprofundadas na Escola de Frankfurt e em intelectuais do mundo todo que têm feito uma releitura não dogmática de Marx, com o intuito de reformular e repensar os problemas atuais contra o capitalismo.

Na dimensão da pesquisa em educação, percebe-se que, de um lado, há um programa, um método de pesquisa fundamentado no materialismo histórico e dialético empiricamente aberto, portanto, expresso como dimensão transitiva e, de outro lado, a dedicação à ontologia objetiva das estruturas ativas que transcendem os fatos, reconhecida como dimensão intransitiva que, conseqüentemente, não pode ser modificada.

Referências Bibliográficas

ADORNO, Theodor W. *Educação e emancipação*. 3ª. Ed. Trad. Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

ADORNO, Theodor W., HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. Fragmentos filosóficos. Tradução Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1985.

BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do pensamento marxista*. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

FREITAG, Bárbara. *A teoria crítica: ontem e hoje*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

HORKHEIMER, Max. Teoria tradicional e teoria crítica. IN HORKHEIMER, M., ADORNO, T.W., HABERMAS, J., BENJAMIM, W. *Textos escolhidos*. Trad. José Lino Grünnewald. 2ª. Ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

LÖWY, Michael, BENSÄID, Daniel. *Marxismo, modernidade e utopia*. Organização e apresentação José Corrêa Leite. Tradução Ceregatti, Burigo e Machado. São Paulo: Xamã, 2000.

LOMBARDI, José Claudinei, SAVIANI, Demerval (orgs.). *Marxismo e educação: debates contemporâneo*. Campinas, SP: Autores Associados: Histedbr, 2005.

LÖWY, Michael. Luta anticapitalista e renovação do marxismo. Entrevista por José Corrêa Leite. LÖWY, Michael, BENSÄID, Daniel. **Marxismo, modernidade e utopia**. Organização e apresentação José Corrêa Leite. Tradução Ceregatti, Burigo e Machado. São Paulo: Xamã, 2000, 248- 256.

MACLAREN, Peter. *A vida nas escolas: uma introdução á pedagogia crítica nos fundamentos da educação*. 2ª. Ed. Trad. Lucia Pelland Zimmer et al. Porto Alegre: Artes Médicas, 1977.

MANDEL, Ernest. *Introdução ao Marxismo*. 4ª. Edição. Tradução Mariano Soares. Porto Alegre: Editora Movimento, 1982.

MARX, Karl, ENGELS, Friedrich. *A ideologia Alemã*. 2ª. Edição, 3ª. Tiragem. Introdução de Jacob Gorender; Tradução Luis Cláudio de Castro e Costa. – São Paulo: Martins Fontes, 2002 - (Clássicos).

MARX, Karl, ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: Editora Anita Garibaldi, 2006.

OLIVEIRA, Dalila. As reformas educacionais e suas repercussões sobre o trabalho docente. IN _____. *Reformas educacionais na América Latina e os trabalhadores docentes*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

OLIVEIRA, Dalila. Mudanças na organização e gestão do trabalho docente na escola. In: _____. & ROSAR, M.F.F. *Política e gesto da educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

NOBRE, Marcos. *A Teoria Crítica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2004.

PARO, Vitor Henrique. *Administração escolar: introdução crítica*. 3ª. Ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1988.

RAMOS, Jeannette Filomeno Pouchain. Projeto educativo e político-pedagógico da escola de ensino médio: tradições e contradições na gestão e na formação para o trabalho http://www.teses.ufc.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3059. Acessado em 21.08.2012.

RODRIGUES, Neidson. *Por uma nova escola: o transitório e o permanente em educação*. 5ª. Ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986.

SANFELICE, José Luís. Dialética e pesquisa em educação. IN LOMBARDI, José Claudinei, SAVIANI, Demerval (orgs.). *Marxismo e educação: debates contemporâneos*. Campinas, SP: Autores Associados, HISTEDBR, 2005, 69-94.

TARDIF, Maurice, LESSARD, Claude. *O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas*. Trad. João Batista Kreuch. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. *Introdução á pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

Recebido em 24 de outubro de 2012

Aprovado em 30 de dezembro 2012